

SESSÃO 9 – ARTIGOS

NINGUÉM FLUINDO DE MÁQUINAS DESEJANTES

Helane Súzia Silva dos Santos¹

Resumo: O presente texto objetiva movimentar a ideia de sexualidade como fluxos de máquinas desejantes, que não se aprisionam nas ciências e na religião, pois a sexualidade não é uma infraestrutura nos agenciamentos do desejo. Toma-se como suporte teórico a Filosofia da Diferença de Deleuze. A sexualidade é apresentada como *Ninguém*, personagem que mostra seus deslizamentos na literatura, entre os saberes hegemônicos consolidados pelas ciências e entre os corpos... Desliza entre os rótulos se mostrando como potência afirmativa da vida.

Palavras-chave: Sexualidade; fluxos; Máquinas Desejantes.

Sexualidade como vestimenta de Arlequim, não sendo uma infraestrutura nos agenciamentos do desejo. Flui de máquinas desejantes², que se acoplam e desacoplam, compõe a imanência dos corpos que deslizam gerando blocos de sensações, blocos de experimentações de si. Esses corpos escapam, vazam, fissuram para além das molduras e das vigilâncias... Inventam, produzem linhas não lineares, que extrapolam os espaços fechados do julgamento. Sexualidade não culpabilizada “inserida nas produções e criações de afetos” (LINS, 2012, p. 123).

A égide do binarismo sexual, masculino/feminino sai do seu confinamento, no que diz respeito ao corpo e suas relações erógenas diante da política de procriação para viver novas formas de desejo e gozo. Como diz Lins “é uma resistência ao ‘dispositivo sexualidade’, às sexualidades em contraparte à sexualidade” (2012, p. 124), pois afirmar a sexualidade chega ao campo do moralismo e das leis do *socius* que adere a estrutura como fundamento. Por isso, Deleuze e Guattari (2010) não discutem, não entram em debates, não se deixam levar pelo sistema de julgamento da sexualidade. Pois, o que é saber amar? “Saber amar não é permanecer homem, mulher, é extrair de seu sexo as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos, os n’sexos que constituem a moça desta sexualidade” (LINS, 2012, p. 124).

A sexualidade coloca em vibrações diversos campos como n’sexos que vão para além da lógica da identidade, percorrendo o meio pelo devir, são em termos devenir que a sexualidade acontece. Sendo assim, acompanhando Deleuze e Guattari (2010) a sexualidade produz n’sexos... Tudo passa em termos de devir, são esses devires que acontecem no devir-mulher... ou nas composições, nas alianças, nos contágios... fomenta campos de desorganização, de embaralhamentos das identidades fixas, deslocando as sexualidades para zonas do corpo não sentidas... Não há a verdade do sexo, o senso comum do sexo... quem sabe desacordos, os turvamentos das certezas, acrescentar cores e tons... Corpo múltiplo, volátil, deslizante, navegador de encontros... Outras estéticas sexuais.

Assim, nos fragmentos seguintes deste texto a sexualidade é apresentada como *Ninguém*, personagem que mostra seus deslizamentos na literatura, entre os saberes hegemônicos consolidados pelas ciências e entre os corpos... Desliza entre os rótulos se mostrando como potência afirmativa da vida.

Ninguém está em toda parte. Deleuze e Guattari (2010) perceberam sua força, sua potência vital, que vaza as classificações...

¹ Graduada em Biologia pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Ecologia de Ecossistemas Costeiros pela Universidade Federal do Pará, Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará. Professora do IFPA. E-mail: helanesantos@yahoo.com.br.

² Ver em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (2010, p. 54).

A sexualidade é um campo, um conjunto de desejos que não aflora em um lugar específico, mas é uma potência de cortes e fluxos. Há sempre um conjunto de fluxos de vida, de cultura, de sociedade que o corpo atravessa, que ele intercepta e é interceptado, que recebe e emite. Há sempre um campo biológico, social, histórico, que o corpo está mergulhado. Tudo isso oferece cortes e fluxos libidinais. Assim, por mais fundado que seja o desejo, a libido, a sexualidade, por mais que ocorram bloqueios funcionais que comprometam o desejo como impasses familiares, máquinas repressivas que condensem uma energia livre, a sexualidade está sempre sendo atravessada por mundos e suas variações... (2010, p. 388).

Por que tentam codificar *Ninguém*? Dizem que é uma essência aflorando por ação de hormônios produzidos por órgãos responsáveis pela reprodução. Mas *Ninguém* não se aprisiona a ciclos bioquímicos, flui pelas linhas da existência, dos encontros com o fora por meio das produções desejantes. Não tem uma fixidade, faz tantas conexões quanto forem possíveis, entre os corpos e para além deles.

Às vezes na literatura flui de outros modos, como no livro “Orlando” de Virgínia Woolf (1978), no qual esta autora recusa o debate sobre *Ninguém*, que chamam de sexualidade, diz que deve ser explicada por biólogos e psicólogos. Uma ironia! Para esta autora, é demasiadamente enfadonho falar do que chamam sexualidade... Pois, “... Quando a vida se dá, se dá por meio de um corpo que se lança sempre em uma vida, vida humana. Deste modo, a obra de Woolf grita: vida! Vida humana, sem nomes, sem definições...” (BRITO, 2014, p. 11).

O senhor Freud disse que *Ninguém* está numa clausura, o Édipo. Sandra Corazza fez uma leitura de como a psicanálise fez o “aprisionamento”:

Nessas ações de introduzir a sexualidade edipiana como ponto de partida e de chegada do humano, você promoveu o objeto e o sujeito do desejo, ensinou o infantil a ter medo da vida, manteve o desejo sob as leis da falta, da castração, do fálico. Leis que nutrem a culpabilidade daquele que obedece, desvelam a sua matriz num inconsciente fantasmático e filial... (2006, p. 2).

As ciências biológicas, com imponência autoritária legitimada pelo método científico, tentam homogeneizar, universalizar, padronizar *Ninguém* usando uma lógica binária incipiente diante do incontrolável, buscando uma espécie de essência, de força nuclear do humano. E as ciências humanas parecem respaldar os movimentos sociais, que reivindicam o direito de utilizarem seus corpos livremente, mas acabam fazendo enquadramentos em identidades fixas, classificando em categorias de gênero “eu sou” ou “eu quero uma identidade”...

A religião prega a ditadura do medo das pulsões pecaminosas, propagando um discurso de abstinência, de sacrifício, de autopunição em busca de uma salvação divina. Ela diz confesse!... Confesse sua obscenidade! Confesse sua verdade! Profana! Gritam todos os moralistas... Mas, não é só a religião que solicita a confissão da verdade, apropria ciência quando produz conhecimento científico sobre o sexo, na tentativa de criar uma verdade.

Como *Ninguém* pode ser classificável? Ou ir para um mundo transcendental? Como *Ninguém* pode entrar em um padrão modelar, pois nunca se reservou a modelos? Transita! Qual seria o governo de *Ninguém*? E por que tanta necessidade de governo?

Não há tratado sobre a sexualidade... Somente linhas de forças, libertada da história, fluxo de acontecimentos... Acasos... Como Vigiar? Um corpo água, corpo rio que percorre fissuras, cortes, vibrações, fronteiras, caminha entre linhas, entre várias linhas... Corpo mutante, percorrido por intensidades que ora ou outra entra por entre linhas segmentadas e moleculares em que a sexualidade retira a atualização. Dizem Deleuze e Guattari,

NINGUÉM FLUINDO DE MÁQUINAS DESEJANTES

Se a sexualidade é o investimento inconsciente de grandes conjuntos molares, é porque, sob sua outra face, ela é idêntica ao jogo dos elementos moleculares que constituem esses conjuntos de condições determinadas. (...) A sexualidade é estritamente a mesma coisa que as máquinas desejantes enquanto presentes e atuantes nas máquinas sociais, no seu campo, na sua formação, no seu funcionamento. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 338).

Como fluxo das máquinas desejantes *Ninguém* é uma composição heterogênea, uma mistura de corpos, atuando como uma experimentação que desmancha as formas, os moldes, assim, contorna e deforma o organismo para percorrer os estratos da fluidez. *Ninguém* vai compondo movimento de repouso, de lentidão... vai potencializando a vida!

Referências

- BRITO, M. R. de. *O Devir-mulher de “ORLANDO” de Virginia Woolf*: uma leitura por estilhaços. No prelo. Divulgação interna no grupo de pesquisa. 2014.
- CORAZZA, S. M. *Bestialidade*. 2006. Disponível em: <http://cronopios.com.br/site/arquivo_prosa.asp?acao=1>. Acessado em: 30/11/2014.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O anti-édipo*: Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- LINS, D. *Estética como acontecimento*: O corpo sem órgãos. São Paulo: Lumme Editor, 2012.
- WOOLF, V. *Orlando*. Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.